

SESSÕES DO PLENÁRIO

10ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 23 de março de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial com o objetivo de debater a Campanha da Fraternidade de 2018, com o tema “Fraternidade e Superação da Violência”, cujo lema é “Em Cristo Somos Todos Irmãos”, proposta por esta deputada que vos fala.

Convido para compor a Mesa o Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Murilo Grigger; o Sr. Coordenador da Campanha da Fraternidade da Arquidiocese de Salvador e pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, padre José Carlos; a Sr.^a Vereadora da cidade de Salvador, Marta Rodrigues; o Sr. Coordenador Executivo da Secretaria da Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social e ex-deputado desta Casa, Yulo Oiticica; a Sr.^a Coordenadora da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Salvador, Larissa Lima Santos. (Palmas)

Neste momento, pedindo a todos que se ponham de pé, ouviremos o Hino Nacional brasileiro.

(Execução do Hino Nacional.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Convidamos o Padre Zé Carlos para fazer a oração da Campanha da Fraternidade de 2018, com o fundo musical de Antonio Filipe dos Santos.

O Sr. ZÉ CARLOS:- Todos têm um papelzinho em mãos. Vamos ficar de pé e vamos rezar juntos, podemos rezar todos juntos. (Lê) *“Deus e Pai. Nós vos louvamos pelo vosso infinito amor e vos agradecemos por ter enviado Jesus, o Filho amado, nosso irmão. Ele veio trazer paz e fraternidade à terra e, cheio de ternura e compaixão, sempre viveu relações repletas de perdão e misericórdia. Derrama sobre nós o Espírito Santo, para que, com o coração convertido, acolhamos o projeto de Jesus e sejamos construtores de uma sociedade justa e sem violência, para que, no mundo inteiro, cresça o vosso Reino de liberdade, verdade e de paz. Amém!”* Louvado seja o nosso Senhor Jesus Cristo!

(Todos falam: para sempre seja louvado.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Usarei a tribuna.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN:- Bom dia a todos e todas, quero agradecer, inicialmente, a presença de todos nesta manhã em que aqui... deveria estar fazendo isso, mas quebrando o protocolo, convido o Dr. Cézar Lisboa para fazer parte da nossa Mesa, por favor, (palmas) Cézar Lisboa representa neste ato o governador Rui Costa; já cumprimentando e agradecendo a sua presença, cumprimentando o Rev.^o Sr. Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger; cumprimentando o Sr. Coordenador da Campanha da Fraternidade da Arquidiocese de Salvador e pároco da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, meu querido padre Zé Carlos; agradecendo a presença da minha amiga, vereadora, da cidade de Salvador, vereadora combativa, presente nas lutas desta cidade em todos os momentos, Marta Rodrigues, agradecer a sua presença (palmas); cumprimentar e agradecer a presença do Sr. Coordenador Executivo da Secretaria da Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social e ex-deputado desta Casa, Yulo Oiticica, que aqui sempre esteve presente em todas as sessões especiais da Campanha da Fraternidade, presidindo por muitas vezes essa sessão especial.

“Vós sois todos irmãos”. Este lema, que é o lema da campanha da fraternidade deste ano, nos indica a direção que devemos seguir. (Lê) “Precisamos caminhar juntos para buscar a superação da violência.

Neste sentido a Igreja desempenha papel central em despertar a solidariedade em seus fiéis e da sociedade em geral em relação a um problema que aflige pais e mães do nosso país. Perdemos mais vidas do que nações em guerra. Buscar a transformação dessa nossa triste realidade é tarefa de todos e todas.” – dos religiosos, dos pais, das famílias, do poder público, seja ele em qualquer uma das esferas da sociedade como um todo, no sentido de que possamos superar essa dificuldade.

“A metodologia do ‘ver, julgar e agir’ mais uma vez pode nos ajudar muito. Importante analisar as causas e consequências da violência no Brasil. E conhecer a fundamentação religiosa para evitá-la. A fim de construir as ações que promovam a cultura da paz.

Violência racial, doméstica, religiosa, no trânsito, contra jovens e mulheres, violência sexual e tráfico humano, violência e narcotráfico, violência policial, violência contra os trabalhadores rurais”, que a cada dia se vê mais presente, “e contra povos tradicionais e minorias. Todas essas expressões da violência são citadas no texto-base” deste ano “da Campanha da Fraternidade.

Para enfrentar todas essas formas de violência são necessárias políticas públicas. No período recente vimos o governo incorporando várias dessas pautas, pressionado pelos movimentos sociais. Políticas de combate ao racismo, de empoderamento feminino e de juventude, por exemplo, ganharam força, repercussão e investimento.

Infelizmente, com o governo golpista estas políticas na área dos direitos humanos estão seriamente ameaçadas. Recursos foram cortados, programas extintos. Convivemos agora com a ascensão de grupos políticos que não aceitam a diversidade e propagam a violência. Alguém aqui acha que as mulheres merecem ganhar menos

porque tem filhos? Ou acha que os negros africanos descendem de ancestral amaldiçoado?

Pois é, quando personagens que propagam esses valores – e negam a necessidade de se combater as opressões – surgem como alternativas para o país podemos afirmar que a promoção da cultura da paz está ameaçada.

Quase 60 mil pessoas foram assassinadas no Brasil no ano passado. Uma a cada 9 minutos em média. Os dados mostram que o crescimento continua, mesmo em períodos de aumento substancial de investimento nos aparatos de segurança e com taxas de pobreza e desigualdade decrescentes.

Isso mostra que as respostas para a superação da violência devem ser mais complexas e sofisticadas. Os governos estadual e nacional buscaram criar um novo paradigma de segurança pública com cidadania, integrando a ação das polícias com políticas públicas de inclusão, lazer e cidadania. Dessa concepção nasceram o PRONASCI, o Programa Juventude Viva e o Pacto pela Vida. A integração com as comunidades é imprescindível para alcançar bons resultados...”

Infelizmente, mais uma vez o governo federal não vê, não enxerga e não se preocupa em liberar os recursos necessários. Botar os tanques nas ruas, colocar militares nas ruas não resolve o problema da violência, e ela foi claramente mostrada nesses últimos dias com o assassinato da vereadora Marielle.

“(...) Os moradores de nossa periferia, especialmente os jovens negros, não podem ser vistos como potenciais culpados. Precisamos chegar à verdadeira raiz do problema. Atacar o comando das organizações criminosas, inclusive seu braço estatal.

Não podemos aceitar que homens do Exército revistem mochilas e lancheiras de crianças só porque elas vêm da favela. Como vão crescer esse menino e essa menina após uma violência como essa? Não podemos aceitar que apenas um batalhão seja alvo de 212 inquéritos. NÃO ESQUECEREMOS MARIELLE. A luta dela está cada vez mais forte. Não só pela imensa repercussão internacional da sua bárbara execução, mas porque não aceitaremos mais tanto sangue derramado. Só existe paz se for para todos.

As respostas para combater a violência existem. E não pode ser apenas comprar mais bala. Cansamos de enxugar gelo. Boas pistas para chegar aonde todos almejamos estão no relatório final da CPI do Extermínio da Juventude Negra. Que propõe, por exemplo, o fim dos autos de resistência.

Outra boa iniciativa local nós construímos junto com o padre Ferdinando e a vereadora Marta. Numa audiência que elencou propostas nas mais diversas frentes a fim de diminuir a violência no bairro de Cajazeiras.

Enfim, neste momento esta Casa Legislativa se coloca novamente à disposição da Igreja, arcebispo, no sentido de estabelecer parcerias com o intuito de suscitar a Fraternidade e superar a violência...” – esta Casa, com certeza, estará pronta a estar de mãos dadas com V. Rev.^a e com todos aqueles que tiverem o desejo e a vontade de superar esse enorme problema que aflige o Brasil – “(...) Que Deus nos ilumine nesta caminhada!”

E que o Divino Espírito Santo possa influenciar cada um de nós a cumprir nossos deveres nesse processo cívico de fazer com que a nossa pátria supere a violência.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Registro e agradeço a presença – vamos fazer esses registros durante a sessão – das seguintes entidades: Frente de Luta pela Moradia; Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, de Pau da Lima; Paróquia São Paulo; Paróquia Santíssima Virgem de Nazaré; Paróquia Nossa Senhora de Fátima; Igreja Assembleia de Deus de Pernambués; Creche Coração dos Anjos, do Bairro da Paz; ONG Gerar Vida; e MSTs. (Palmas)

Ouviremos, agora, a palavra da jovem Larissa Lima Santos, da Pastoral da Juventude, por 5 minutos.

A Sr.^a LARISSA LIMA SANTOS:- Bom dia a todos e a todas, bom dia à Mesa.

O meu nome é Larissa Lima, sou da Pastoral da Juventude. Estou, atualmente, no serviço da Coordenação Arquidiocesana da Pastoral e queria conversar um pouco com vocês sobre esta sessão e sobre o tema da Campanha da Fraternidade.

Nós temos muito discutido que a violência é construída socialmente, e se ela é construída socialmente ela também pode ser desconstruída. E a gente percebe que os nossos jovens são as maiores vítimas dessa violência e, muitas vezes, são aqueles que são criminalizados, que são culpabilizados pela violência. Mas a gente precisa falar também que muitos desses jovens não têm direito à educação, à saúde de qualidade, direito à moradia, direito ao trabalho. Muitas das vezes esses jovens encontram primeiro o caminho da bala, encontram a bala atirada nos seus corpos, do que uma educação de qualidade.

Ontem eu estava com mais algumas companheiras no Colégio Estadual Visconde de Itaparica e a gente discutiu um pouco sobre a superação da violência. Mas nessa mesma escola a gente percebia que não tinha os serviços e a infraestrutura necessária para a educação dos jovens. Por exemplo, não tinha papel higiênico na escola. E a gente fala desse processo de não serem garantidos os direitos da juventude, em primeiro lugar, percebendo o fechamento das escolas que vem acontecendo na nossa cidade.

A gente não pode se calar e não pode deixar que essas violências que acontecem com a vida da juventude fiquem passadas e não nos mobilizem a lutar contra elas.

Enquanto Pastoral da Juventude, estamos há 50 anos fazendo esse processo de enfrentamento, de superação das violências, porque a gente acredita que encarcerar os nossos jovens não é a solução dos problemas. A gente não acredita que não dar uma educação digna, uma educação de qualidade é o caminho.

Então, quando a gente vem aqui, vem, primeiramente, trazendo uma campanha de enfrentamento contra a violência e o extermínio da juventude, porque a gente não quer mais que os nossos jovens continuem tombando. A gente não quer mais os nossos jovens mortos; a gente quer os nossos jovens vivos, a juventude quer viver. E a gente acredita que o jovem precisa ser protagonista da sua vida, protagonista da sua história. A gente acredita que esse processo de denúncia também tem que vir com uma formação.

E falamos de formação integral da juventude quando nos organizamos nos nossos grupos de jovens e agimos e trabalhamos nesse processo de evangelização coletivamente.

Fala também que somos contra esse processo de militarização que está nas escolas. Vimos um processo que os nossos jovens fizeram de ocupação das suas escolas, mostrando que, sim, nós queremos algo, que não somos as pessoas que não querem nada com a vida, mas que, sim, queremos muita coisa. E o processo de ocupação das escolas é no sentido de mostrar que queremos uma educação digna, que temos as nossas pautas, as nossas demandas, que queremos que as escolas atendam ao nosso perfil, a nossa idade, a nossa situação, que queremos que nas escolas se discuta os temas que estão na nossa realidade. Não queremos, apenas, um ensino que venha de cima para baixo.

Então, a gente fala que é contra a militarização, a gente fala que é contra esse processo, porque as ocupações mostraram que não é esse o caminho que a educação merece.

A gente fala, também, que a gente precisa, enquanto jovens, de espaços de lazer. Os nossos bairros, as nossas comunidades muitas vezes não têm espaços de lazer para os nossos jovens.

Nós, enquanto Pastoral da Juventude, também lançamos agora, este ano, a Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher. E nós percebemos que somos a maioria na sociedade e também nos espaços eclesiais. Não podemos nos calar e deixar que essa cultura de violência continue. E não podemos continuar sem ter voz, sem ter vez, sem ter lugar nesses espaços. E é nesse sentido que, enquanto Pastoral da Juventude, falamos que precisamos dar as mãos, levantar as bandeiras e cirandar em defesa da vida das companheiras e dos companheiros.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Convido para fazer parte da nossa Mesa a Sr.^a Secretária de Políticas para as Mulheres, Dr.^a Julieta Palmeira. Agradeço a sua presença. (Palmas)

Registro as presenças do padre Elísio Serpa, do padre Anderson Freitas, do frei Jorge Geraldo, do diácono Itamar, presidente da ASA (Associação Social Arquidiocesana). Muito obrigada pela presença de todos. (Palmas)

Ouviremos, agora, a palavra do padre José Carlos, coordenador da Campanha da Fraternidade da Arquidiocese de Salvador e pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, pelo tempo de 5 minutos.

Também gostaria de registrar e agradecer a presença de padre Jorge.

O Sr. PADRE JOSÉ CARLOS:- Sr.^a Deputada Maria del Carmen, proponente desta sessão especial pela Campanha da Fraternidade; Sr. Arcebispo, meu bispo, Dom Murilo Krieger; demais componentes da Mesa, eu vou iniciar cantando uma música que todos nós conhecemos.

(O orador canta junto com o Plenário.)

Contra toda a esperança, somos chamados a ser homens e mulheres de esperança! Não podemos jamais abrir mão do sonho de mudar, não podemos jamais desistir de sonhar para conquistar o que desejamos.

A Campanha da Fraternidade, acho que disse isso no ano passado e repito este ano, vou repetir sempre, cada vez mais eu amo a minha igreja, porque a minha igreja tem a coragem de trazer para toda a sociedade um tema que muitas vezes não se trata com a devida responsabilidade e com o devido empenho de mudança. Então, a Campanha da Fraternidade é um momento onde a nossa igreja, a Igreja Católica, convida – não só para dentro, mas para fora – para uma reflexão que diz respeito à vida. Ano passado foi sobre o meio-ambiente, este ano é sobre a violência.

Já foi dito aqui a situação que vivemos. É preciso, cada vez mais, que nos empenhemos como irmãos que somos; não importa o credo, não importa a posição social, não importa o poder que tem; somos todos irmãos, estamos todos envolvidos numa situação de violência, uma situação onde muitos saem e não têm a certeza de voltar. Mas isso é a consequência, não é a causa. A causa está nas atitudes reacionárias de intolerância, nas atitudes de discriminação, de rejeição e de injustiça que vivemos. Não é possível num país tão rico se ter tantos pobres; não é possível num país cristão, majoritariamente cristão, se ter tanta violência, tantos crimes.

É preciso rever a fé, é preciso rever as políticas públicas. Não se resolve – como bem disse aqui a deputada – a situação com invasão. Não sei por que, já disse na paróquia isso, a palavra que me vem é a invasão do Rio de Janeiro. Aquilo não é... é invasão do Rio de Janeiro. Não se resolve com bala, não se resolve com fuzil, com brucutu, se resolve com humanidade, humanização, com políticas públicas, reparando o crime histórico da rejeição dos negros (palmas), reparando a rejeição histórica dos pobres. Não podemos pensar num país que não tenha políticas públicas para a população mais pobre. Quando se fala que ainda tem gente hoje que é contra as cotas, que é contra a inclusão social... E a Campanha da Fraternidade não fala apenas da violência de dar um tiro ou de dar uma facada, fala da violência que agride a dignidade da pessoa humana, que tira da pessoa humana a sua capacidade de viver com liberdade, com liberdade de expressão, com liberdade de vida; e nós não podemos pensar num país assim.

A Campanha da Fraternidade é o momento de nós todos darmos as mãos e lutarmos para que haja, efetivamente, a construção de um novo mundo, de um novo céu, de uma nova terra. Que a gente possa lembrar sempre o que está no capítulo

XXV do Evangelho de Matheus: “Eu tive fome, e me destes de comer; eu tive sede, e me destes de beber; eu estava nu, e me vestistes; eu estava preso, e me visitastes. ” Eu me pergunto hoje, será que Jesus não está dizendo: “Eu era negro, e você me rejeitou; eu estava pobre, e você me excluiu; eu morava na periferia, e você achava que eu era menos gente”, e assim por diante.

Será que Jesus, hoje, não diria a nós, não faria a nós essa pergunta? E não diria a alguns: “Vinde, benditos de meu pai”; e a outros: “Afastai-vos de mim, malditos”? É preciso que a gente pare para refletir, porque se acreditamos em Jesus de Nazaré, temos que pensar no que ele disse. Ele pergunta ao fariseu: “Qual o maior mandamento? ” O fariseu pergunta a ele: “Qual o maior mandamento? ” Ele responde: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Mas ele foi mais além, ele foi muito além: “Amar ao próximo, como eu vos ameí”. E quem diz que ama a Deus, e não ama a seu irmão, São João diz na sua carta: “É um assassino, um mentiroso”.

Por isso, hoje, quando estamos nesta Casa, Casa do povo, pedimos aos senhores deputados que pensem em leis que favorecem políticas públicas para o povo mais pobres, para aqueles que são excluídos da sociedade, para aqueles que não têm voz e nem vez na sociedade, para os invisíveis! É interessante que na Bahia, em Salvador, a população negra é majoritária, em Salvador as mulheres são majoritárias e, no entanto, são invisíveis. Populações invisíveis! (palmas) Porque são tratadas como gente de segunda classe, e a gente precisa mudar essa situação. Eu iniciei com um canto e termino também com um canto. A sirene já está chamando a atenção.

(O orador canta.)

“Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Somos todos iguais

Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas

Campos, construções

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer

Vem, vamos embora

Que esperar não é sabe...”

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer”

O Sr. ZÉ CARLOS:- Disse o cacique Babau, no Fórum Mundial: “Um líder não se humilha; um líder ou se mata ou se respeita.”

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Registrar a presença e agradecer ao nosso animador, enquanto não começávamos a nossa sessão; padre Ferdinando; agradecer ao Movimento Negro Unificado, a sua presença e representação aqui, nesta manhã; Núcleo de Desenvolvimento Social e Cultural da Bahia; Pastoral da Saúde; Projeto Motumbaxé, obrigada; Paróquia Santo Antônio, da Fazenda Coutos; Centro Comunitário São José Operário; Paróquia São Bartolomeu, de Pirajá; liderança comunitária da Lagoa da Paixão, em Paripe; Paróquia de São Gonçalo do Retiro; Paróquia de São Francisco de Assis, a representação de todas elas. (Palmas)

Ouviremos agora a palavra da vereadora Marta Rodrigues pelo tempo de 5 minutos. Minha querida amiga, companheira, lutadora desta cidade, que o povo fez justiça e retornou, trouxe de volta para a Câmara de Vereadores de Salvador. (Palmas)

A Sr.^a MARTA RODRIGUES:- Queria saudar todas as pessoas presentes nesta sessão mais que especial, especialíssima, e saudar também a Mesa – até porque o tempo é curto –, saudar a deputada estadual Maria del Carmen e, em seu nome, saudar toda a Mesa.

Dizer da importância desta sessão hoje para refletirmos. Como estou bem na ponta, com a nossa secretária de Política Para as Mulheres, este mês de março é um mês muito rico, meu companheiro Yulo Oiticica, porque é um mês em que nós refletimos sobre a luta das mulheres, sobre as nossas conquistas, os nossos avanços. É uma reflexão importante!

A gente começa o mês no dia 8, já com esta grande – é o mês inteiro – reflexão. Caminhando mais um pouco, a gente chega, não é, Dom Murilo Krieger, no dia 19 de março, que é o dia de São José, é o dia de plantar, é o dia de colher. Por isso, quero fazer uma referência a um grande profeta da paz, Dom Hélder Câmara, pois ele também plantou e semeou muito. Muitos de nós aqui, ou quase todo mundo, somos essa semente que Dom Hélder semeou lá atrás. Portanto, a importância dessa nossa reflexão.

Caminhando mais um pouquinho, dia 21. O que aconteceu no dia 21? Dia 21 é um dia também de luta pela eliminação de toda forma de preconceito e de discriminação, por isso que é importante a gente refletir essas datas, porque representam, e representam muito.

Dia 22, ontem, foi o Dia da Água, essa água que é algo fundamental, é um direito humano. Água não é mercadoria, como estão tentando fazer a todo momento, água é um direito humano fundamental.

E esta Casa, ontem, também, celebrou e homenageou, não foi isso meu secretário Cezar Lisboa, o nosso ex-governador, que lá atrás implantou o Água Para Todos. E a água tem que ser assim, um direito universal.

Vocês podem perguntar: Por que que Marta trouxe, passeou por aí? Porque o mês de março é tão rico de reflexão, assim como a Campanha da Fraternidade todos

os anos escolhe um tema para reflexão das suas paróquias. E é durante o ano inteiro que nós precisamos refletir e trazer esta realidade, porque é uma realidade muito dura. E este ano com o tema da superação de todas as formas de violência.

A deputada já falou aqui, a deputada Maria, mas eu também reitero a audiência que realizamos no ginásio de esportes em Cajazeiras, juntamente com o padre Ferdinando.

Quero, também, neste momento, aproveitar para saudar os demais: padre Elísio, padre Márcio, padre Zé Carlos, que está na Mesa, frei Geraldo, e todos que, também, no dia a dia estão à frente de uma paróquia em bairros de difícil relação. Mas nós sabemos como é importante a presença daquela igreja para, junto com todos os seus que frequentam a igreja e os que não frequentam também, a gente superar e avançar cada vez mais.

Naquela audiência nós refletimos sobre todas as formas de violência: falta de moradia, porque quando a gente vê um governo ilegítimo retirando e não priorizando o orçamento para o Minha Casa Minha Vida isso reflete também... porque quando a pessoa não tem onde morar, essa pessoa acaba perdendo sua identidade.

Como também na juventude. Larissa trouxe aqui, e a fala de Larissa foi perfeita.

Eu quero, também, contribuir, trazendo uma reflexão do nosso grande líder Nelson Mandela: Que ninguém nasce odiando as pessoas pela cor da sua pele, pela sua origem, e principalmente por sua religião. E Nelson Mandela foi mais longe, e é assim que eu queria concluir: Como é que eu vou ser julgado por um tribunal de homens brancos, reacionários, racistas para julgar um homem negro? E é isso que estamos vivendo no País, o que está acontecendo com o nosso presidente Lula. Então, essa reflexão, também, é uma forma da gente superar essas violências.

Aqui saudar, também, a irmã Cândida e a irmã Serena, que estão bem aqui, do nosso lado.

Dizer que ninguém vai conseguir calar a nossa voz, nem silenciar. Fizeram isso com Mariele, foi um tiro também que veio certo para nos silenciar, mas não calarão a nossa voz. Estamos firmes e fortes nessa luta.

Eu quero terminar com a frase do projeto Motumbaxé: Vamos à luta, porque a luta é árdua e dura, mas se nós estivermos juntos e juntas nós superaremos todas essas violências.

Um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Quero, também, agradecer pela presença ao padre Márcio Augusto; às Irmãs Ancilas; às Irmãs Calasianas; às Irmãs Estabelecidas da Caridade; à Congregação da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe; ao Instituto Ancilas do Menino Jesus, que já tinha falado; à Paróquia Nossa Senhora das Candeias, Lucia lá; à Comunidade Católica Shalon, Teresinha; à

Paróquia Nossa Senhora da Conceição; à Liderança Comunitária do Condomínio do Canto do Rio, em Pirajá.

Quero convidar para fazer parte da nossa Mesa o deputado federal, nosso companheiro, amigo, querido de todos nós, Nelson Pelegrino. (Palmas)

Agora ouviremos a música Utopia, acompanhamento musical por Antônio Felipe dos Santos e Diogo Jorge Borges.

(Apresentação musical.)

(Continuação da apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Convidamos para se pronunciar o deputado federal Nelson Pelegrino, pelo tempo de até 5 minutos.

O Sr. NELSON PELEGRINO:- Bom dia a todos e a todas.

É um prazer estar aqui, mais uma vez, na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, esta Casa em que eu por 8 anos ocupei esta tribuna. E nos 8 anos em que aqui estive, religiosamente, para fazer um trocadilho, fazíamos sessões para marcar a Campanha da Fraternidade. Não só o tema como o lema.

Eu sempre cito, porque quando cheguei, em 99, à Câmara Federal achei muito estranho, porque a Câmara Federal não tinha o hábito de fazer sessões solenes para marcar o tema e o lema da Campanha da Fraternidade. E, aí, Dom Murilo, eu fiz um requerimento, em 99, para que fizéssemos pela primeira vez uma sessão solene para discutir o tema e o lema da Campanha da Fraternidade. E desde 99 até os dias atuais, religiosamente, a Câmara, todo ano também, abre as suas portas para a gente fazer uma discussão sobre o lema e o tema da Campanha da Fraternidade.

Inclusive, este ano já fizemos a nossa. Geralmente a gente faz no período da Quaresma, que é o período em que a campanha se intensifica.

Mas, inicialmente, eu queria parabenizar a deputada Maria del Carmen por essa iniciativa de por mais um ano abrir as portas da Assembleia para fazer o debate sobre o tema e o lema da Campanha da Fraternidade.

Eu tenho dito isso, disse aqui, por diversas vezes desta tribuna, e tenho dito na Câmara Federal: a nossa Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB tem sido muito sábia na escolha dos temas da Campanha da Fraternidade; e até visionária, porque existem temas que são escolhidos com 2 anos de antecedência, e coincide, quando a campanha acontece, das coisas explodirem.

Então, eu sei que esse tema foi discutido desde 2016, praticamente. E nesse momento em que a campanha se realiza, um momento grave sobre o problema da violência no Brasil... Acredito que os que me antecederam, inclusive a presidenta desta sessão, deputada Maria del Carmen, devem ter feito um registro. E eu queria, aqui, também me solidarizar com a família da vereadora, do PSOL do Rio de Janeiro, Marielle Franco, covardemente assassinada no Rio de Janeiro.

Queria, aqui, render as minhas homenagens a ela, uma lutadora social, uma mulher negra, vinda da favela, defensora dos povos favelados denunciando a violência que se abate sobre as favelas e a forma equivocada com que, infelizmente, os governos tratam essa questão, inclusive nas favelas, denunciando inclusive,

extermínios que estavam acontecendo, com menores sendo jogados em valas rasas, coincidentemente, quando ela intensificou essa denúncia foi barbaramente assassinada com todos requintes, todo um *modus operandi* de uma execução.

Desde o primeiro momento em que tivemos conhecimento desse fato, fizemos a denúncia, fizemos a cobrança de que um crime como esse não pode ficar impune, não pode deixar de ser apurado, não pode deixar, inclusive, que seus responsáveis não sejam levados à barra da Justiça. Porque toda vez que um crime desse acontece... E esse crime foi de uma extrema ousadia, porque todo mundo sabia que ela era uma vereadora, uma mulher combativa, sabia que esse crime teria repercussão internacional, como está tendo.

O Santo Padre ligou, inclusive, para a mãe de Marielle para dar solidariedade, a filha de Marielle mandou uma carta para o Santo Padre, o Santo Padre está, inclusive, acompanhando o que está acontecendo, todos sabiam dessa repercussão e tiveram a ousadia de praticar essa ação.

Então eu não poderia deixar de fazer o meu registro desta tribuna no dia em que a gente abre as portas desta Casa para discutir o tema e o lema da Campanha da Fraternidade, que é o problema da violência, porque todos somos irmãos e como irmãos temos que construir uma sociedade de irmãos, uma sociedade solidária.

Então, quero parabenizar a deputada Maria del Carmen, saudar Dom Murilo Krieger, que também aqui representa não só a nossa arquidiocese, mas é também da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; saudar a nossa secretária Julieta Palmeira, que aqui representa o segmento das que no dia a dia são vítimas de violência, com feminicídios.

O Brasil, infelizmente, tem altíssimas taxas de feminicídio, de violência contra a mulher e essa cultura de violência contra a mulher que, infelizmente, existe no nosso país. Às vezes, uma mulher é agredida e a pronta atenção, o pronto atendimento e a pronta providência podem ser a diferença entre a vida e a morte.

Quantos e quantos casos, não é, Julieta? Se chegam nas delegacias, às vezes não são atendidas como deveriam ser, a medida socioprotetiva não é aplicada, a medida de afastamento... às vezes ela não tem onde dormir, não tem o acolhimento psicológico, um atendimento social. E, infelizmente, nós temos uma cultura da violência contra as mulheres no Brasil. Então, sem dúvida nenhuma, debater o tema e o lema da Campanha da Fraternidade é debater a violência contra a mulher.

Quero parabenizar a secretária Violeta pelo seu trabalho. O nosso secretário Cezar Lisboa, que aqui representa o secretário Carlos Martins, da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, uma secretaria que tem tudo a ver com o combate à violência; o nosso companheiro Yulo, que também hoje está lá na secretaria de Justiça e Direitos Humanos, mas que também foi meu colega aqui de Assembleia, também me sucedeu na Comissão de Direitos Humanos, lutou comigo contra os grupos de extermínio, lutou comigo contra a violência; o meu padre Zé Carlos, que brilhantemente coordenou o nosso seminário da ASA, no qual a gente teve a oportunidade na preparação da Campanha da Fraternidade e de debater o lema e o tema da fraternidade; a nossa vereadora Marta Rodrigues, essa grande

companheira, essa grande vereadora que tem estado também presente na nossa luta dos direitos humanos e a coordenadora da Pastoral da Juventude, a companheira Larissa Lima Santos.

Então como são só 5 minutos, eu queria dizer que considero que a nossa Igreja Católica, mais uma vez, foi muito visionária quando elegeu o tema da Campanha da Fraternidade para que a gente pudesse fazer um debate sobre a questão da violência no momento em que, infelizmente, a violência aumenta no Brasil. E como tivemos a oportunidade de refletir no seminário da ASA e da nossa diocese, quando falamos de violência estamos falando de várias violências: a violência que é praticada contra as mulheres; a violência que é praticada contra os nossos jovens no dia a dia; contra as nossas crianças; a violência que é praticada contra os idosos, que também é uma forma de violência; a violência praticada contra os negros; contra as pessoas que moram nos bairros populares; a violência que às vezes é praticada contra também os agentes de segurança pública; a violência que é praticada através de bullying; através das redes sociais; a violência que é praticada através da intolerância, que, infelizmente, cada vez mais toma conta da nossa sociedade.

Temos que instituir na nossa sociedade uma cultura da paz, uma cultura da transigência. A violência que às vezes acontece com a intolerância, inclusive, religiosa, como acontece também, é uma forma de violência.

Então, temos que instituir na nossa sociedade uma cultura da paz, uma cultura da transigência, uma cultura de aceitar o diferente, de aceitar o desigual, de respeitar a Constituição, respeitar os direitos na Constituição inseridos e que possamos de fato construir uma sociedade melhor.

A Campanha da Fraternidade acontece intensamente no período da Quaresma, mas ela se desenrola no ano inteiro. E é evidente que a nossa igreja, a nossa Igreja Católica, através das suas diversas pastorais, tem experiências muito ricas, muito interessantes, tem experiências exitosas, inclusive, na cultura da paz, no combate à violência e na cultura da construção de um mundo melhor.

Então, essa é a reflexão que a nossa Igreja Católica nos chama a fazer. E a nossa contribuição como católicos, como cristãos, como prática comunitária, como prática do ver, do julgar e do agir, nós temos a obrigação de transportar para a sociedade, de universalizar para a sociedade as práticas vitoriosas que temos no dia a dia nas nossas comunidades.

Parabéns, deputada Maria del Carmen! Parabéns Assembleia por mais um ano abrir as suas portas para debater o tema e o lema da nossa Campanha da Fraternidade. Muito obrigado.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Obrigada, deputado Nelson Pelegrino, pela importância de suas belas palavras. V. Ex.^a que durante todo o período em que esteve nesta Casa aqui se pronunciou. Sou testemunha de que todos os dias usava aquela tribuna. Em todos os momentos e todos os dias.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Quero convidar para utilizar a palavra a secretária Julieta Palmeira, nossa secretária de políticas para as mulheres, pelo tempo de até 5 minutos.

A Sr.^a JULIETA PALMEIRA:- O deputado é muito alto.

Bom dia, queria iniciar saudando a Maria del Carmen pela iniciativa dessa sessão. E peço desculpas aqui por ter chegado após o hino, após algumas falas. É que faço questão de que em toda a iniciativa da bancada feminina desta Assembleia Legislativa, eu, como secretária de estado e de políticas para as mulheres, esteja presente. Acho que essa é uma questão muito relevante: as iniciativas das nossas deputadas, que aliás só são oito aqui nesta Casa.

Queria também saudar Dom Murilo Krieger, que está aqui, o nosso arcebispo primaz, também representando a CNBB. Quero dizer que é de uma grande propriedade estar sendo lançada aqui a Campanha da Fraternidade, com esse tema, que é hoje de bastante contemporaneidade. Acredito que nós devemos muito ter como relevante, com marco isso aí.

Quero saudar o meu colega que hoje está aqui representando a Secretaria da Justiça e Direitos Humanos, Cezar Lisboa, representando o secretário Carlos Martins. Temos a honra de tê-lo aqui presente. Saudar o deputado federal, que acabou de falar, me antecedeu, o Nelson Pelegrino, que é um grande batalhador das lutas das mulheres, batalhador do feminismo hoje. O coordenador e pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, que eu tive o prazer de ouvir aqui, fez um discurso brilhante, o padre José Carlos. Em nome dele queria saudar todos os padres aqui presentes. E também saudar as irmãs presentes e, como secretária de estado de Políticas para as Mulheres, quero dizer do protagonismo das mulheres em todos os espaços da sociedade. Então reverencio as irmãs. A vereadora Marta Rodrigues, minha amiga, minha companheira de luta. Hoje vamos nos encontrar à tarde também, onde se marca o Março Mulher na Câmara de Vereadores. Eu convido também vocês por iniciativa da bancada feminina, que também é de oito mulheres lá na Câmara. Parece que o nosso número não consegue ultrapassar o oito nos espaços legislativos. E o deputado – porque quem é deputado sempre será deputado – Yulo Oiticica, a quem tenho muito prazer em saudar. E a nossa Larissa Lima, coordenadora da Pastoral da Juventude. É um prazer ouvir sua intervenção aqui.

Queria dizer a vocês que o tempo é rápido, então é somente uma saudação mesmo. Dizer o seguinte: nós vivemos tempos nefastos, nós vivemos tempos não somente de subtração da democracia, de dilapidação do patrimônio nacional em nosso país. Vivemos um tempo em que a intolerância e o ódio – a partir de uma grande onda conservadora em nosso país, estimulada exatamente por aqueles que hoje dirigem a nação – permeiam toda a atividade social em nosso país e a atividade econômica, toda a sociedade.

E essa onda marca efetivamente isso que hoje simboliza o “Marielle Vive”, que é exatamente o fato de que não é uma violência no geral apenas. Mas é uma violência contra os direitos humanos e uma violência contra as pessoas, os militantes dos direitos humanos. Essa é uma violência que desumaniza, porque, para você odiar o

negro, a população negra, o pobre, você precisa desumanizar. Você precisa vê-lo como um ser à parte, não humano, um ser inferior ao homem, nesse sentido mais geral. Então, permeia, exatamente, a desumanização da nossa sociedade.

Já encerrando, em relação às mulheres, permeia, também, a questão de que a mulher deve submissão ao homem, de que a mulher é inferior ao homem. Isso, também, junto com o racismo, o ódio racista, o ódio de classe, o ódio machista representa, hoje, uma grande marca da violência em nossa sociedade.

Então, por isso, hoje, eu acho que muito bem-vindo este tema da Campanha da Fraternidade onde vários eventos têm mostrado a violência que permeia a nossa sociedade, principalmente, sobre a população negra e, principalmente, sobre as mulheres negras.

Queria prestar a minha homenagem aqui (palmas), nesta Campanha da Fraternidade, que se inicia hoje com a presença da autoridade maior da nossa Igreja que é Dom Murilo Krieger (palmas) e todos vocês.

Então, um abraço!

Vamos, sim, enfrentar para superar as dificuldades! Fraternidade e superação é o lema. Para superar, é preciso enfrentar a violência. Por isso, precisamos nos insurgir contra todo o ataque aos direitos humanos neste país! E, hoje, estamos numa só voz dizendo: “Marielle vive!” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Convido, para usar a palavra, o ex-deputado desta Casa que, por diversos anos, também, aqui, celebrou e realizou a sessão especial da Campanha da Fraternidade, Yulo Oiticica, pelo tempo de 5 minutos. (Palmas)

O Sr. YULO OITICICA:- Bom dia a todos e a todas.

Gostaria de saudar a deputada Maria del Carmen pela importante iniciativa, tendo em vista a metodologia da Campanha da Fraternidade do ver, julgar e agir. É fundamental o Poder Legislativo baiano fazer este debate, porque o gesto concreto de vocês, deputados e deputadas, é determinante para que a gente enfrente temas tão complexos como este que, mais uma vez, Dom Murilo, a CNBB, no seu grito profético, na sua ação corajosa, traz para a nossa sociedade debater.

Portanto, quero, neste momento, aproveitar para saudá-lo e estender esta saudação a todos os bispos do Brasil por não ter medo de fazer este debate, porque este debate custa caro.

Eu já recebi várias vezes bispos da nossa Bahia que sofrem constantes ameaças de morte por visitarem presídios, por terem posições relacionadas à defesa dos direitos humanos. Comentava, agora, com o padre Zé Carlos que até críticas o nosso papa tem sofrido por conta da solidariedade à vereadora do Rio de Janeiro. Então, imagine, Marta, até, que situação a gente ainda vive diante das atitudes, muitas vezes, incompreensíveis das pessoas diante de temas como esse.

Portanto, permita-me, muito rapidamente, fazer a minha abordagem nesse sentido. Estamos falando aqui para uma plateia essencialmente católica. Portanto, padre Jorge, este é um momento muito forte de liturgia para nós.

No domingo, vamos nos preparar para reviver à chegada de Jesus com ramos, e o receberemos com festa. Durante a semana, conviveremos com ele de forma muito forte, forte ao ponto de, no final da semana, matá-lo. E, aí, depois, refletiremos o domingo.

Mas, por que eu quero colocar isso para nós? Porque somos nós que, muitas vezes, estamos buscando, Dom Murilo, saídas simples para problemas complexos. Não há saídas simples para problemas complexos. As saídas não são fáceis!

Santo Agostinho costumava dizer que não há lugar para sabedoria se não tiver paciência. E somos, muitas vezes, nós, católicos, simplistas, Padre Jorge, imediatistas, que, no final da semana, ao invés de dizer Jesus, diz Barrabás! Somos nós que, muitas vezes, somos a favor da pena de morte; somos nós que, muitas vezes, somos a favor da redução da maioridade penal; somos nós, muitas vezes, Marta, que somos contra políticas de reparação como as cotas.

Portanto nós precisamos não ter dúvidas de que um outro mundo é possível se começar por nós. Uma certa vez, Madre Teresa de Calcutá recebeu um jornalista nas suas instituições. E, de forma certamente proposital, aquela mulher muito sábia, ela pediu para o jornalista caminhar com ela, um pouco, no hospital. O jornalista caminhou durante quase 4 horas. Ao final dessa caminhada no hospital, o jornalista faz a seguinte pergunta pra ela: “Madre Teresa, quem a senhora responsabilizaria por este flagelo humano, por este abandono?” Imaginava certamente o jornalista que ela iria falar do BIRD, da ONU. E ela disse: “Esta situação vai melhorar quando você e eu pudermos fazer um pouquinho mais.”

Portanto, para nós, esta semana só é santa se ela servir para que nós a vivamos intensamente, recebendo, com muita alegria, Jesus no domingo. Mas, durante a semana, devemos refletir as nossas ações como pai, como mãe, como irmão, como trabalhador, como cidadão para a gente chegar ao final da semana e não dizer Barrabás, mas, mais do que isso, para que a gente possa chegar no próximo domingo e vivenciar a ressurreição, e vivenciar a Páscoa.

Nós não podemos, depois de tanto tempo, achar que Jesus perdeu. Vejam, na madrugada de sexta para sábado, o sentimento dos seguidores de Jesus, melhor, da sua maioria, era este: Jesus perdeu! Muitos deles, todos nós sabemos, esperavam um Jesus muito poderoso, que soltasse raio laser pelos dedos, que derrubasse todos os poderosos.

E a mensagem de Jesus não foi essa. A mensagem foi: um outro mundo é possível; o reino de Deus pode estar presente no meio de nós quando nós tivermos a capacidade de amar um ao outro, quando nós tivermos a compreensão de que nós não temos o direito de nos acomodar, a não ser que não conheça a Bíblia, não conheça a vida de Jesus e não faça do caminhar a eucaristia um ato teatral.

Comungar é tornar-se um perigo.

Há um cantor que vai fazer um *show* aqui, hoje, em Salvador e uma das frases da música dele que todo mundo conhece é assim: “A minha alma está armada e apontada para o sossego. Paz sem voz não é paz, é medo.” Falcão, do Rappa, diz exatamente isso: paz sem voz é medo. E a alma dele está armada para dar um tiro no sossego.

Portanto nós estamos muito sossegados e, muitas vezes, covardes, muitas vezes, não merecemos. Ou não estamos falando a verdade quando dizemos que somos seguidores de Jesus Cristo. Portanto termino com a frase de São Paulo que dizia: “Que o amor não seja um fingimento. Que seja sincero e que aborreça o mal.” O nosso amor tem que ser tão grande e voraz que seja capaz, verdadeiramente capaz, de aborrecer o mal.

Que, no próximo domingo, a gente possa fazer a festa do ramo. Mas que, no outro, a gente possa ter a certeza de que Jesus venceu, que nós mudamos, que renovamos a aliança e que a Páscoa é uma verdade entre nós.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Convido o chefe de gabinete da Secretaria da Justiça e representante do governador Rui Costa, César Lisboa, a utilizar da palavra durante o tempo de até 10 minutos. César Lisboa coordena o Programa Pacto pela Vida. Por isso, ele teve um pouco mais de tempo do que os demais.

O Sr. CÉSAR LISBOA:- Bom dia a todas. Bom dia a todos.

Desejo um bom dia à deputada Maria del Carmen que, aqui, preside esta sessão especial sobre a Campanha da Fraternidade. Saúdo Dom Murilo, arcebispo primaz do Brasil; minha companheira Julieta Palmeira; meu companheiro Yulo Oiticica; meu companheiro e amigo de muito tempo, deputado Nelson Pellegrino; minha companheira Marta Rodrigues.

Queria fazer uma saudação bastante especial ao padre Zé Carlos. Eu, particularmente, tenho pouquíssimas pessoas de que sou realmente fã na vida, muito poucas pessoas. Sempre digo que elas têm de ter muita dignidade e muito compromisso. Declaro que sou fã do padre Zé Carlos, pois ele é um dos meus ídolos. (Palmas)

Também, queria saudar de coração mesmo Larissa Lima Santos, da Pastoral da Juventude, porque o tema que vou falar aqui diz respeito à questão da juventude mesmo, a fim de tentar colocar algo que ficasse como um compromisso em relação à questão da juventude.

Em outro momento, trabalhei com uma entidade de padres jesuítas. Ajudei a construir um daqueles documentos da CNBB, um dos mais importantes, na minha opinião, que é aquele que falava sobre a seca no Nordeste. Parte daquele documento, inclusive, tem a minha escrita, alguns trechos, algumas partes, foram escritos por mim diretamente. E sempre achei muito relevante que a CNBB pudesse, a cada ano,

fazer com que a sociedade brasileira, mais do que os católicos, a sociedade brasileira como um todo pudesse refletir sobre temas candentes que dizem respeito ao nosso país, às vezes, que dizem respeito à América Latina, e alguns temas que dizem respeito ao mundo como um todo.

Esse tema da Campanha da Fraternidade sobre a violência é um desses temas tão importantes, tão fortes e fundamentais. Ele tem algo por trás dele, porque a citação bíblica: “Vós sois todos irmãos” é a expressão que serve – sou sociólogo e a minha vida toda dei aula, entre outras coisas, na área de sociologia política – é a base, é a referência de toda reflexão moderna sobre a questão da democracia. Sem essa base não é possível construir nenhum pensamento democrático, esse é o pilar fundamental. Essa tem sido a grande contribuição que o cristianismo, inclusive, deu do ponto de vista da ciência política, entre outras contribuições, mas essa é a mais fundamental, porque é ela que demarca o princípio básico da democracia. E aqui na Campanha da Fraternidade ela está sendo retomada e eu acho isso muito profundo do ponto de vista de repensarmos o Brasil neste momento político que estamos vivendo, quando a democracia está em risco, quando a democracia está em perigo.

Nós temos no Brasil, e aqui já se falou, em torno de 60 mil assassinatos, homicídios, usamos várias vezes homicídios e CVLs, que são crimes violentos e letais, mas no fundo nós estamos falando de assassinatos. E, aqui na Bahia, nós temos 6 mil, isso quer dizer 10% de todo o número brasileiro. É um número muito alto, muito alto. Ninguém pode pegar um número como esse, tanto para o Brasil, como para a Bahia, e não achar que isso é algo que deve preocupar qualquer cidadão, qualquer segmento da nossa sociedade. E imaginarmos que dos 6 mil da Bahia, 4 mil, ou seja, 2/3 são de jovens isso é algo muito preocupante, isso tem efeitos sociais bastante fortes, inclusive, para aqueles que vão se aposentar no futuro. Eu mesmo já me debrucei em estudos sobre isso, o efeito que se assassinar a nossa juventude hoje cria para tantos segmentos da nossa vida social, incluindo para aqueles que vão se aposentar, para não pensarmos que só é algo que diz respeito aos jovens, é um problema lá dos jovens, é um problema da sociedade como um todo.

E quero até, neste instante, falar mais sobre a questão da juventude que é a questão principal que eu queria falar, mas queria lembrar que existe uma diversidade muito grande, muito grande, da violência, dos crimes, dos tipos de assassinatos, tanto o documento da CNBB fala sobre isso, ele é bastante feliz ao apontar essa diversidade de situações de violência, padre Zé Carlos se referiu, o deputado Nelson falou desses crimes, dessa variação, o que quer dizer que nós estamos enfrentando algo que tem muitos fatores, é multifatorial. E que precisamos dar uma pensada melhor sobre isso. Eu mesmo andei debruçado sobre isso, cheguei a construir um quadro sobre essas várias possibilidades da questão da violência, sobretudo dos assassinatos. Recentemente, até estive na diocese de Vitória da Conquista discutindo sobre a Campanha da Fraternidade, coisas assim. E me coloco à disposição, se alguém precisar – padre Zé Carlos, o senhor que está coordenando – em algum momento se debruçar um pouco mais sobre essa variante de informações que detemos sobre as questões das vítimas na sociedade baiana, aquelas 6 mil pessoas que morrem na Bahia.

Mas eu queria dizer que essa complexidade faz com que tenhamos, às vezes, até alguns espantos sobre alguns números que encontramos. Por exemplo, o Nordeste brasileiro, e a Bahia estando dentro do Nordeste, sobretudo no período que inicia no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, ela tem uma melhoria em todos os indicadores sociais. Todos os indicadores sociais: renda, emprego, educação, em todas as áreas, em todas as áreas o Nordeste teve uma melhoria dos indicadores sociais, uma melhoria positiva dos indicadores sociais. Entretanto, nesse mesmo período, teve uma explosão da violência, a violência cresceu quase que na mesma proporção que todos os indicadores sociais tinham crescido, indicadores bons, positivos. A violência como um indicador negativo cresceu na mesma proporção.

Ao mesmo tempo, quando a gente vai se debruçando sobre esses números, esses dados, a gente nota que, do ponto de vista micro, nas comunidades, nos bairros, nas ruas, os lugares que têm mais problema social são aqueles, também, que sofrem a maior violência. Aparentemente, parece até contraditório, os grandes indicadores melhoram e a violência não melhora, mas, quando você vai no micro, os indicadores dos lugares onde têm mais problemas sociais, mais problemas de toda monta, de desemprego, etc, são, também, aqueles lugares que têm o maior índice de violência.

Eu estou dizendo isso, porque já se tocou aqui, o padre Zé Carlos falou da questão da desigualdade social, e notamos que esse é um indicador bastante forte do problema da violência. Mas ele é um problema complexo, como eu falei, e aqui eu não vou entrar, só quero apontar que temos esse problema. Quero só dizer que, do ponto de vista nosso de governo, e aqui estou falando em nome do governo do estado da Bahia, nós construímos, a partir do ano de 2011, o Programa Pacto pela Vida. Esse programa tem sido um esforço forte do governo do estado da Bahia para tentar enfrentar esse tema. Devo dizer que, durante esse período, ao longo dos tempos, desde o ano de 1996, que temos feito essas análises, só estava aumentando o número de mortes na Bahia. Quando chega em 2011 conseguimos manter, vamos chamar assim, estancar esse crescimento. Ele tem se mantido mais ou menos estável, só que num patamar muito alto, ninguém pode ficar feliz com o número de 6 mil mortes no estado. Então, a gente tem que estar sempre alerta sobre isso e temos que estar pensando que esses números ainda são muito altos.

O Pacto pela Vida, entretanto, conseguiu reduzir aqui em Salvador o número de assassinatos. Desde 2011 para cá já tivemos uma redução de mais ou menos 23% do número de assassinatos, aqui, na cidade de Salvador, mas é uma tentativa que estamos fazendo que ainda precisa avançar muito. Ela trabalha basicamente com duas ordens de atividade: uma, é alguma coisa voltada para a prevenção social, e a outra está relacionada com a melhoria das estruturas que dizem respeito às nossas polícias tanto do ponto de vista de efetivo, como do ponto de vista de equipamento.

Aqui chego ao tema que quero que conclua a minha fala que diz respeito à questão da juventude. Falei que são 6 mil mortos, sendo 4 mil jovens, ou seja, 2/3, e desses jovens a maior parte como já foi falado aqui é da juventude negra. E nós não podemos ficar calados perante isso, ninguém.

Eu me debrucei sobre esses casos, peguei todas as mortes ocorridas na cidade de Salvador, por exemplo, no ano de 2014, todas, e analisei uma a uma para ver o que

é que tinha naqueles jovens que tinham morrido, também fui até os dados das prisões, dos presídios daqui e estudei os dados presentes. Os dados de quem morre são os mesmos dados de quem está no presídio, ou seja, são os mesmos jovens nas mesmas situações que estão morrendo, que estão sendo presos. Isso me intrigou e resolvi dar uma aprofundada num dado que eu queria colocar aqui para os senhores e para as senhoras.

Resolvi pegar todas as nossas políticas sociais na área de educação; na área de esporte; na área de cultura; na área da assistência social, onde atuo, em todos os lugares; educação profissional, inclusive os dados de quando estava tendo aumento do índice de emprego; os dados de carteira assinada, e olhar se essas políticas sociais, que são políticas sociais de inclusão social, digamos assim, se elas estavam atendendo a essa juventude, se elas estavam atendendo à juventude negra.

Devo-lhes dizer que os índices mostram que atende, sim, a essa juventude, até atende num tamanho maior do que o tamanho dessa juventude, ou seja, se você está botando mais gente dentro do que o tamanho demográfico da juventude, se você está botando mais gente dentro dos programas, isso quer dizer que ele atende. Acontece que também é a mesma juventude que está morrendo. Então, tinha alguma coisa errada sobre isso.

Ao estudar um pouco melhor isso e aqui fecho a minha fala com a minha, vamos chamar assim, questão que eu gostaria de levantar. Quando a gente se debruça sobre isso a gente nota, que tem em todos os bairros populares, uma juventude que faz parte de famílias um pouco mais estruturadas. Não estou falando de ter mais dinheiro, não, estou falando mais estruturadas enquanto vida social que forma aquilo que chamaria das famílias batalhadoras, da população média, dos bairros populares, aqueles grupos que formam os batalhadores daquele bairro. Essa população quase sempre é a mesma que vai e é atendida pelos nossos programas sociais: o programa do Neogibá; o programa de educação; o programa de esporte; de qualquer área, as atividades de mulheres, etc, é essa a juventude que é atendida. Essa juventude, quase sempre, não é também a juventude que tem mais fragilidade para acabar entrando no mundo do crime, não é.

Acontece que tem uma outra juventude, que o padre José Carlos chamou de os invisíveis, aqueles que são os excluídos de fato e que nós não estamos conseguindo alcançar com as nossas políticas sociais. Você pode botar uma unidade de saúde ali próximo, mas quem vai utilizar aquela unidade, que é de graça, é aquela parte que está mais organizada socialmente ainda que seja uma população pobre, insisto nisso, não estou falando de dinheiro, estou falando de sociabilidade, de condição de convivência social, é ela que sai de sua casa e vai até a unidade buscar.

Enquanto aquela outra que está invisível, está excluída, ela não consegue ir. E é essa juventude que a gente pega nos nossos indicadores de quem foi morto e de quem está preso. É a juventude que não está na escola, é a juventude que não tem qualificação profissional, é a juventude que sequer as famílias delas estão no Bolsa Família, nos programas básicos de prevenção social.

Então, qual era a minha questão, era de que é preciso que a gente faça políticas sociais, mas que a gente consiga fazer busca ativa para ir até essa juventude. E a mim, me dá uma sensação de que quem consegue fazer isso, quem consegue alcançar essa juventude são exatamente os setores das Igrejas que estão nos bairros, os setores das Associações que estão nos bairros, os setores daqueles grupos mais organizados que estão nos bairros. Se a gente não conseguir mobilizar isso para conseguir alcançar essa juventude mais invisibilizada, mais excluída, nós continuaremos a ter problemas sérios na área de segurança.

E esse é talvez um desafio para que a própria Igreja Católica, a Campanha da Fraternidade pensar, porque é aquilo que o Padre Zé Carlos falava quando dizia que quando estava preso, que estava excluído, que estava invisível e que ninguém o reconheceu como tal. E esse talvez seja o grande desafio que tem as nossas políticas públicas do estado e nós não somos, muitas vezes, capazes de fazer isso.

Um dia eu estava discutindo esse assunto na sala com pessoas técnicas, eu sou professor de universidade, algumas pessoas mais ou menos com esse conhecimento e quando entrou a moça que ia entregar para gente a água e o cafezinho, eu falei com eles: olha, a única pessoa qualificada que tem aqui nessa sala capaz de enfrentar esse problema é a moça que está entrando para nos entregar a água e o cafezinho. Nenhum de nós estamos tão qualificados assim. E me parece que a organização e a rede de relações sociais construída pelas Igrejas, pela sociedade civil, pelas associações, podem ser um grande animador dessa política de acolhimento e de proteção da nossa juventude através de uma busca ativa que venha trazer a nossa juventude para outra situação.

É sobre isso que eu queria falar, eu queria mais uma vez parabenizar a deputada Maria del Carmen por essa iniciativa e parabenizar, sobretudo, a Igreja Católica por esse tema tão importante para a nossa sociedade.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Eu convido Vangelina Alves da Silva que vai entregar um documento elaborado por diversas entidades que realizaram Audiência Pública em 30 de outubro de 2017, no Ginásio Poliesportivo de Cajazeiras pelo Movimento Paz em Cajazeiras envolvendo as Pastorais Sociais de Cajazeiras; Comissão Justiça e Paz, também lá de Cajazeiras; as CEBs; as CEMPAS, Dom Renzo Rossi, Comunidade Kolping, Casa do Sol e diversas associações; o Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida Padre Ezequiel Ramin-Motumbaxé.

Documento dirigido aos deputados e deputadas.

(A Sr.^a Presidenta procede à entrega do documento.)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Ele está dirigido às deputadas e deputados desta Casa, dizendo: convencidos que em suas mãos e nos mandatos de S. Ex.^{as}, está também a superação da violência. No caso, eles falam do bairro de

Cajazeiras, mas, com certeza, tudo que aqui foi colocado das diversas formas de violência e como supera-las, secretário César Lisboa, possam ser alcançados os demais bairros desta cidade e do estado da Bahia.

Levaremos, encaminharemos uma cópia dessa para cada um dos deputados e deputadas desta Casa, dando conhecimento daquilo que aqui foi entregue.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Passo agora, com muita alegria e com muita satisfação, a palavra ao Reverendíssimo Sr. Arcebispo Primaz do Brasil e vice-Presidente da CNBB Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger. (Palmas)

O Sr. DOM MURILO KRIEGER:- Cara deputada Maria del Carmen, penso que da sua palavra guardei uma frase que resume bem tudo que quis dizer: ou a paz será para todos, ou não será para ninguém.

Minha saudação ao caro deputado Nelson Pelegrino, Yulo, vereadora Marta, e neles, saúdo toda a Mesa.

Meus caros irmãos e irmãs, as minhas reflexões vão supor as reflexões anteriores. Sabendo que ia ser no final, pensei: não vou mais bater na tecla da violência porque, o tema é importante, como se trata da campanha de uma superação da violência, pensei em fazer uma reflexão sobre o que nos está destruindo e como resolver essa destruição.

Nossas cidades, foi dito, estão-se tornando cada vez mais violentas. E a violência gera medo, insegurança, e o medo é um verme que corrói o coração por dentro, corrói a vida. Quando o medo domina, a paz desaparece.

Em situações assim, foi dito aqui, surgem logo aquelas reações imediatas, “são precisos mais guardas, mais policiais nas ruas”. Na verdade, isso pode ajudar um pouco, mas não é por aí. Paz é fruto de algo bem mais fundamental. Por isso, parto de uma pergunta: mas, afinal, se há todos esses problemas, quem somos nós? Quem sou eu?

Cada um de nós ouviu falar de pessoas assim que, em um dado momento, se mostraram surpreendentemente maiores do que pareciam ser. Penso, por exemplo, num bombeiro que entra numa casa que está pegando fogo, pega a criança e sai de lá muitas vezes até queimado, mas alegre porque salvou uma criança.

Eu penso em alguém que está passando pelo mar, ver alguém se afogar, não conhece, atira-se na água para salvar aquela pessoa. Penso em um policial militar que, de repente, numa briga entre as pessoas ele vai lá para proteger uma criança, é baleado e talvez morre. Então, há muitas expressões da grandeza da pessoa que nem sempre são notícias em jornal, mas que mostram que há em nós uma potencialidade, uma capacidade que nós mesmo muitas vezes não percebemos ou não valorizamos.

Quem sou eu? Porque essas mesmas pessoas às vezes, em situações diferentes, são capazes de atos de violência? O que está errado aqui por baixo? Se nós pararmos um pouco e voltarmos a uns 2 mil anos atrás, vamo-nos lembrar dos pescadores que estavam lá no Mar da Galileia: Pedro, Tiago, João e uma série de outros. Passou alguém no caminho deles e lhes fez uma proposta: vinde, eu vos farei pescadores de homens. Eles deixaram o barco, a rede, os amigos e entraram nessa aventura. E o resultado está aí, foram capazes de nos mostrar a grandeza que havia neles, mudaram

o mundo, ao menos apresentaram uma proposta de uma vida diferente. Por quê? Porque alguém passou em seus caminhos e eles aceitaram convite.

Isso vem mostrar que nós temos em nosso coração potencialidades, capacidades adormecidas que não usamos. A Campanha da Fraternidade vem tentar nos acordar e dizer: minha gente, não podemos continuar medíocres. Temos que descobrir o que em nós que pode ser colocado aí a serviços dos outros. Aí vem a segunda pergunta, a primeira é quem eu sou. A segunda é: quem eu sou para os outros? Aí vou descobrir que o outro me completa, eu não sou capaz de fazer tudo. No meu cargo eu vejo isso. Graças a Deus tem uma multidão de pessoas que me ajudam. O que um bispo poderia fazer sozinho? O que um deputado, uma deputada, um vereador, pode fazer sozinho? O que um militar, um pai de família... podemos fazer muito pouco, mas nos unindo, juntando nossas capacidades, tornamo-nos fortes. E o outro precisa de mim. Se eu preciso do outro o outro precisa de mim. Então, quando a Campanha da Fraternidade adota como lema: Vós Sois Todos Irmãos, é uma palavra de Jesus, é para dizer: minha gente, há entre nós laços profundos que não podem ser ignorados. O outro precisa de mim, mas eu preciso deles. Então juntos somos irmãos e vamos construir a tão sonhada paz em nosso mundo.

Mas num dado momento descobrimos que, também, somos limitados. Eu nunca esqueço de uma experiência muito forte que eu tive em minha vida, logo no início do meu sacerdócio. Fui numa casa, em visita, e alguém chegou com a notícia de que havia acabado de morrer a criança, neto do casal que eu estava visitando. Aí eu fui o primeiro a sair para ir no hospital para encontrar. Pensei: o casal deve estar lá sozinho. E realmente estava. A criança morta, o pai de um lado, a mãe de outro. Eu vi que naquela hora da dor, nenhum completava o outro, mas aí eu pensei, como nós precisamos de Deus, Deus não é um adendo, alguém para...não, é realmente uma resposta que é a necessidade que temos para preencher o coração humano, na palavra de Santo Agostinho: “Criaste-nos para ti inquieto, insatisfeito. Salva o nosso coração enquanto não tem o teu amor, enquanto não repouso em ti.”

Então, nós precisamos do Senhor e assim juntos vamos descobrindo que com Deus seremos capazes e a partir de gestos pequenos, como nos pede o papa Francisco, começar a mudar o mundo a partir da família. Tudo o que foi dito aqui, deputada Maria del Carmen, comentava comigo, tudo que faz aqui tem uma causa. A degeneração, o vazio da família e se quisermos reconstruir o nosso mundo e superar a violência temos que investir o melhor dos nossos esforços na construção da família.

E assim a Campanha da Fraternidade vem nos lembrar do seguinte, ela não é um ponto de chegada. Domingo de Ramos teremos o encerramento oficial, mas o tema deverá estar presente e nossas reuniões internas da igreja, fora da igreja na sociedade. Por isso agradeço à Assembleia Legislativa que desde 1999, como lembrou o deputado Nelson Pelegrino começou, depois o deputado Yulo continuou e agora Maria del Carmen, trouxe sempre este debate aqui para ser levado à sociedade. Porque um tema como esse se não tiver a força, colaboração e a participação de todos não chegará a lugar nenhum, mas juntos mostraremos que somos muito mais capazes e poderosos do que imaginamos.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Quero registrar a presença e agradecer ao frei Flávio, frei Luciano da CPT.

Quero também registrar a correspondência recebida do deputado Marcelino Galo que por motivo de viagem não pode estar aqui, mas parabenizou a todos nós por estarmos realizando esse ato, aqui hoje.

Ouviremos agora a música Queremos Paz com o acompanhamento musical por Antônio Felipe dos Santos e Diogo Jorge Borges.

(Apresentação Musical)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Antes de concluir esta sessão, eu queria agradecer à nossa assessoria do nosso mandato que durante esses dias se mobilizou para que hoje a gente tivesse com a presença de todos os senhores e senhoras aqui hoje e também à assessoria do deputado Nelson Pelegrino, que esteve junto conosco nesse processo ajudando e da vereadora Marta Rodrigues, companheiro Eduardo, que teve aí levando convite a todos vocês. Então agradecer a todos e dizer que depois a gente tem uma pequena confraternização no saguão do Plenário.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades eclesiásticas, das senhoras e dos senhores deputados, que aqui hoje não tivemos, da imprensa e declaro encerrada a presente sessão.

Mas eu peço, antes do encerramento definitivo desta sessão, ao nosso arcebispo para dar a sua bênção a todos nós aqui presentes.

O Sr. MURILO KRIEGER:- Esta bênção, diante do quadro da Sagrada Família, eu falei em família neste ano do leigo, nós somos chamados a olhar para esta família. A gente sabe que nunca vai chegar a ser como ela. Mas Jesus sempre foi aquele que nos apontou os horizontes ousados. “Sede perfeito como o Vosso Pai Celeste é perfeito.” Nós queremos que a nossa seja como esta de Nazaré.

Eu quero pedir uma bênção especial, Senhor, para todas as Marieles, todos os Mários e todos aqueles que sofreram violência, particularmente para as mães e os pais. A gente sabe que quando uma família é atacada diretamente pela violência nasce uma chaga no coração daquela mãe e daquele pai que ambos levam para seus túmulos.

Então vamos pedir ao Senhor confortar essas pessoas e ilumine aqueles que cuidam da nossa segurança para que tenham a capacidade de nos ajudar a superar a violência.

O Senhor esteja convosco.

Ele está no meio de nós.

Desça a todos e a cada um, sob a interseção da Sagrada Família, a bênção de Deus Todo Poderoso: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PREDIDENTA (Maria del Carmen):- Concluindo, vamos encerrar com a música “É bonita demais”, acompanhada, de novo, pelo Antônio Felipe dos Santos e por Diogo Jorge Borges. Agradecer ao nosso grupo do Motumbaxé pela presença e abrilhantar a nossa sessão especial e terminar com o lema da Campanha da Fraternidade, “Vós sois todos irmãos”. Que sejamos de fato todos irmãos.

Obrigada, obrigada pelas presenças.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.